

DA REPRESENTAÇÃO À ASSOCIAÇÃO RECÍPROCA: COMO SE CONSTITUEM SIGNO, LÍNGUA E OBJETOS NAS FORMULAÇÕES DE SAUSSURE

Karen Alves da SILVA¹

RESUMO: Comumente se assume que, em Saussure, não se fala em representação, pois há o deslocamento, na formulação do signo, para a associação recíproca (Milner, 2002). Mas até que ponto o “terceiro termo” não figura nas formulações do genebrino? Para Bouquet, as notas permitem descobrir um Saussure que da relação da língua com os objetos menciona notadamente a relação do signo a um “terceiro termo”; uma teoria do signo lingüístico que, na sua terminologia mesmo, é trabalhada pelas ambigüidades podendo ser religada à questão da referência (Bouquet, 1992). A problemática da hipotética presença da referência em Saussure consiste em admitir que “não há substância na língua” e, concomitantemente, que “há substância na língua”. Sobre esta tensão, Bouquet (1992) afirma: “dire que la langue est déterminée par les objets n’est pas en soi incompatible avec le fait de dire que la langue impose sa propre détermination”. O problema é que o mestre não esclareceu este ponto. Qual seria, então, a relação de co-determinação entre língua, substância psicológica e substância do mundo? (Bouquet, 1992). Esta questão permaneceria sem solução no trabalho de Saussure, devido à ausência de uma teorização mais clara sobre as relações entre esses três elementos. Devido ao retorno a Saussure e ao surgimento dos *Écrits de Linguistique Générale* (2002), é conveniente re-visitare pontos relevantes para a construção dos postulados saussurianos. Nesse contexto, em nosso projeto, financiado pela Fapesp e intitulado *A problemática da referência na “epistemologia e na metafísica saussuriana”: o que esta questão revela sobre o pensamento de Saussure?*, percorremos uma bibliografia sobre referência, representação e signo, para criar condições de compreender como e se estaria posta a questão da referência em Saussure. Objetivamos avançar pela “incompletude saussuriana” (Milner, 2002), procurando marcas que a questão da referência deixaria ao retornar, através de contradições e resquícios, nos textos saussurianos.

ABSTRACT: Nevertheless, it is frequently claimed that the notion of reference is suppressed in the *Cours* and in the Saussure’s work as whole. In this paper, we intend to proceed in “l’incomplétude saussurienne” (Milner, 1983). With reference is this point it is worth recalling the recent return to Saussure, motivated by mater’s new texts, which permit a broader comprehension of aspects that attend or inquire saussurian thought. One of these aspects is the **reference** and it is the topic that we discuss on this paper.

Os postulados de Ferdinand de Saussure surgem no início do século XX, antecedidos por uma tradição de estudos da linguagem que concebia a relação da língua com os objetos de maneira essencialmente representativa. Mas, diferentemente desta tradição, a qual concebia o signo enquanto partícula que representava os objetos no plano da linguagem, nos postulados saussurianos transmitidos pelo *Curso* não mais se menciona o mundo. O deslocamento saussuriano consiste em assumir a relação entre língua e objetos não coloca problema para a sua teorização. As relações que importam na lingüística saussuriana são aquelas que se estabelecem entre as unidades que compõem o sistema lingüístico, ou seja, são aquelas estabelecidas entre a significado e significante, concebidos como elementos psíquicos que se revestem de valor. Nesse sentido, contrariamente à doutrina port-royalista, na qual o signo se fundava a partir de uma

¹ Mestranda em Lingüística pelo IEL / UNICAMP. O projeto de mestrado, financiado pela FAPESP (processo nº 06/53187-7), intitula-se “*A problemática da referência na ‘epistemologia e na metafísica saussuriana’: o que esta questão revela sobre o pensamento de Saussure*”.

relação de **representação assimétrica** – *A* representa *B* e, isto não implica que *B* represente *A* –, em Saussure, não se fala em termos de representação. Para Saussure, o signo lingüístico é fruto de uma relação de **associação recíproca**: *A* está associado a *B* e, isto implica que *B* esteja associado a *A* (Milner, 2002).

Mas, se “*não há nada em comum, em essência, entre um signo e aquilo que ele significa*” (Saussure, 2004: 23) como lidar com o fato de que a língua é utilizada por sujeitos falantes para se fazerem entender, para compreender o mundo que os cerca, para descrever coisas e sentimentos, enfim, para se fazer significar das mais diferentes formas e com as mais diversas finalidades? Como lidar com uma teoria que se fecha dentro de suas perspectivas teóricas e desconsidera a realidade empírica? Se a suposta relação entre objetos do mundo e a língua não era questão para Saussure, será que estes objetos não “reverberam” dentro da teorização do genebrino? Até que ponto o mestre conseguiu afastar o “terceiro termo” (a forma das coisas, a realidade) de sua reflexão? Sobre estas questões é que procuramos nos debruçar.

Apesar de Saussure não abrigar a ordem do mundo material nas suas articulações teóricas, ele em nenhum momento afirma que esta ordem não exista: “*não há um único objeto material, nós vimos, ao que se aplique exatamente e exclusivamente uma palavra; isso não suprime a existência desses objetos materiais*” (idem: 38; grifo nosso). Logicamente, o fato de uma palavra ter mais do que uma significação implica que a visão de que uma palavra corresponda a um único e fixo objeto material seja descartada. O que ocorre é que as palavras estão postas dentro da ordem da língua e os objetos materiais dentro da ordem da realidade material das coisas. Essas duas ordens, para Saussure, estão dissociadas na medida em que só existe lingüisticamente aquilo que é signo, ou seja, aquilo que não tem existência por si mesmo a não ser dentro das diferenças negativas do sistema lingüístico. Mas o fato de que, nas articulações do mestre genebrino, prescindia-se dos objetos materiais, não acarreta que os estes deixem de existir; eles somente não trazem questão para a teorização.

Estamos, portanto, diante de uma da seguinte situação: existe o fato material, contudo ele não coloca questão para os estudos saussurianos. Então, como lidar a afirmação do próprio Saussure de “*que fato material, que só chega indiretamente, e de maneira muito incompleta, ao nosso conhecimento*” (idem: 38). Em outras palavras, como lidar com a presença deste “resquício” do fato material que figura em nosso conhecimento? Se há a presença desse “resquício” material incompleto em nosso espírito, poderíamos estar diante de uma incoerência, já que o pensamento saussuriano afirma que na língua só há realidades psíquicas.

Com esse questionamento, novamente, nos deparamos com a problemática do modelo de signo adotado por Saussure e com o tratamento feito por ele no que diz respeito à tríade significação-som-objetos. Ao estabelecer que a natureza do signo lingüístico é dual (Sdo/Ste) e arbitrária, e ao conceber que este signo recebe o seu valor pelas relações negativas que estabelece com os outros membros da língua, Saussure “*produz a autonomia dos sistemas simbólicos*” (Auroux, 1998: 131). Contudo, a presença dos “resquícios” dos objetos materiais que chegam de modo indireto e incompleto ao nosso conhecimento conduz a considerar que esses “resquícios” figuram em nosso espírito, apesar da adoção do modelo diádico do signo. Aliás, nos lembra Auroux (1998) que o próprio Saussure acabou por evocar o modelo triádico uma vez:

Ao que sabemos, ocorreu uma vez a Saussure evocar um modelo triádico; foi, em uma nota inédita, para definir a onímica (caso dos nomes que, como /árvore/, /pedra/ etc., fazem pensar que a língua é uma nomenclatura). Esse modelo é apresentado como uma exceção à teoria geral do signo: o lingüista evoca, com efeito, <o caso> particular da onímica no conjunto da semiologia [...] em que há um terceiro elemento incontestável na associação psicológica do sema, a consciência de que ele se aplica a um ser exterior suficientemente definido em si mesmo para escapar à lei geral do signo (Engler, 1968: 37, *apud* Auroux, 1998: 144).

Ao levantar a possibilidade da presença do terceiro elemento na associação do signo, Saussure evoca o modelo triádico de signo e possibilita que a conjuntura compareça em algum momento da relação semiológica. Este fato nos lembra da preocupação de Saussure em evitar que a língua seja tomada enquanto nomenclatura das coisas. Tendo estes dois fatos em vista, é preciso refletir sobre o porquê do próprio Saussure evocar o modelo triádico de signo – portanto, a presença da conjuntura – ao abordar os nomes geográficos.

Então, há, por um lado, a incansável busca de Saussure em negar que a língua seja entendida uma nomenclatura. Por outro lado, deparamo-nos com a possibilidade de que o terceiro termo (a forma das coisas) seja evocado para constituir a relação semiológica. Então, nessa conjuntura como se poderia pensar a questão – posta acima – de qual seria a forma da relação de co-determinação entre língua, substância psicológica e substância do mundo? Para refletir sobre esta questão, retomamos Auroux (1998), quem nos informa que Saussure pelo menos por uma vez evocou a concepção triádica do signo ao tratar dos nomes geográficos, e consideramos que “resquícios” dos objetos materiais, mesmo incompletos, indiretamente podem chegar ao nosso espírito. Nesse sentido, trazemos um fragmento dos manuscritos saussurianos que trata da problemática dos objetos materiais:

Dito de outra maneira: se uma palavra não evoca a idéia de um objeto material, não há absolutamente nada que se possa precisar seu sentido, a não ser por via negativa.

Se essa palavra, ao contrário, se refere a um objeto material, poder-se-ia dizer que a própria essência do objeto é de natureza a dar à palavra uma significação positiva. Aqui, não cabe mais ao lingüista explicar que nós só conhecemos um objeto através da idéia que dele fazemos, e através das comparações, legítimas ou falsas, que estabelecemos: de fato, eu não conheço nenhum objeto a cuja denominação não se acrescente uma ou muitas idéias, *ditas* acessórias mas, no fundo, exatamente tão importantes quanto a idéia principal – seja o objeto em questão o *Sol*, a *Água*, o *Ar*, a *Árvore*, a *Mulher*, a *Luz*, etc. De maneira que, na realidade, todas essas denominações são igualmente negativas, significam apenas com relação às idéias inseridas em outros termos (igualmente negativos), não têm, em nenhum momento, a pretensão de se aplicar a um objeto definido em si e só abordam, na realidade, esse objeto, quando ele existe, *obliquamente*, através e em nome de tal ou tal idéia particular, do que vai resultar (exprimindo a coisa grosseiramente), porque nós tomamos momentaneamente, aqui, esse fato exterior como base da palavra, 1º que será preciso, continuamente, modificar o termo para o mesmo objeto, chamar, por exemplo, a luz de ‘claridade’, ‘lunar’, ‘iluminação’, etc, 2º que o mesmo objeto servirá para muitos outros: *a luz da história, as luzes de uma reunião de sábios*. Nesse último caso, fica-se persuadido de que um novo sentido (dito figurado) se interpôs: esta convicção parte puramente da suposição tradicional de que a palavra possui uma significação absoluta que se aplica a um objeto determinado; é essa presunção que nós combatemos. Desde o primeiro momento, a palavra aborda o objeto material segundo uma idéia que é, ao mesmo tempo, totalmente insuficiente, se for considerada como relação a esse objeto, e infinitamente ampla, se for considerada fora do objeto (ela é sempre muito extensa e pouco abrangente []): a idéia desde o começo negativa; o que faz com que o sentido ‘próprio’ não passe de uma das múltiplas manifestações do sentido geral; esse sentido geral, por sua vez, é apenas uma delimitação qualquer que resulta da presença de outros termos no mesmo momento.

(...)

Mas isso seria deixar de compreender onde está o poder da língua e só lamentar a sua inexatidão. Não se impedirá jamais que uma única e mesma coisa seja chamada, conforme o caso, uma *casa*, uma *construção*, um *prédio*, um *edifício*, (um *monumento*), *imóvel*, uma *habitação*, uma *residência*, e o contrário seria um signo de nossa []. Então, a existência de fatos materiais é, assim como a existência de fatos de uma outra ordem, indiferente à língua. O tempo todo ela avança e se põe a serviço da formidável máquina de suas categorias negativas, verdadeiramente desembaraçadas de todo fato concreto e, por isso mesmo, imediatamente prontas a armazenar uma idéia qualquer que venha se juntar às precedentes (Saussure, 2004: 69-70; grifo do autor).

Nesse trecho, Saussure discute a disjunção entre as palavras e os objetos materiais. Para o genebrino, há nada na natureza do objeto que possa determinar um signo e “*as denominações não têm, em nenhum momento, a pretensão de se aplicar a um objeto definido em si [...]*” (Saussure, 2004: 69). Portanto, a significação, completamente desvinculada da forma das coisas, seria determinada apenas por via negativa, ou seja, pela diferença entre os termos que compõem o sistema lingüístico: “*(...) a diferença dos termos, que faz o sistema de uma língua, não corresponde em parte alguma, mesmo na língua, às relações verdadeiras entre as coisas*” (idem: 70).

Mesmo que os signos lingüísticos não correspondem diretamente às coisas materiais, Saussure nos diz que as palavras abordam os objetos *obliquamente*, através e em nome de uma idéia particular. Contudo, essa idéia é *insuficiente*, se considerada em relação ao objeto e, ao mesmo tempo, *infinitamente ampla*, se tomada fora dele. Ou seja, como os objetos materiais não possuem uma significação absoluta – não são designados por uma só palavra –, apenas uma idéia é insuficiente para determiná-los. Por outro lado, uma idéia qualquer é infinitamente ampla se apartada da forma das coisas, justamente porque ela pode tocar obliquamente muitos objetos.

Nesse caso, mesmo sendo a idéia insuficiente para determinar um dado objeto, ela o toca obliquamente, já que toda língua efetivamente se reporta ao real. Em outras palavras, mesmo que a ordem própria da língua esteja apartada da forma das coisas, todas as línguas abordam a realidade. Nesse ponto, é preciso lembrar que “a língua” e “as línguas” são coisas diferentes para Saussure: as línguas são as manifestações dos diversos idiomas, os quais refletem traços próprios de uma comunidade; já a língua deve ser tomada como norma de todas as outras manifestações da linguagem, como produto social da faculdade da linguagem e conjunto de convenções adotadas pelo corpo social (Saussure, 2001).

Saussure nos alerta que, ao lidarmos com a ordem própria da língua, nosso espírito precisa da ficção de que os signos lingüísticos possuem algum tipo de existência, pois, senão, seríamos incapazes de conceber o que são as diferenças entre eles. Contudo, segue o mestre, “*não há, em parte alguma, em momento algum, um ponto de referência positivo e firme [no tocante as diferenças]*” (Saussure, 2004: 61). Desse modo, temos que a língua possui a sua ordem própria e está desvinculada de toda a materialidade do mundo. Mas, paralelamente, as línguas tocariam obliquamente os objetos na medida em que, mesmo que uma idéia seja insuficiente para determiná-los, é preciso denominá-los. Vale ressaltar, entretanto que, nomear é, para o genebrino, “*nada mais do que recorrer a um ponto de vista A determinado*” (idem: 26).

Resumidamente, haveria duas necessidades: a de que exista a ordem própria da língua e a de denominar. A existência da ordem própria da língua prescinde da necessidade de denominar os objetos, pois “*a existência de fatos materiais é, assim como a existência de fatos de uma outra ordem, indiferente à língua*” (idem: 70). Contudo, a

necessidade de denominar não pode desconsiderar a existência da língua, pois o conjunto de convenções adotadas pelo corpo social é utilizado no ato de nomear.

Estamos diante de uma tensão entre desconsiderar os objetos na constituição da ordem própria da língua e o toque oblíquo que as línguas efetuam sobre estes objetos ao se reportarem a eles. Esta tensão ocorre na medida em, mesmo que se possa não levar em conta a forma das coisas na ordem própria da língua, não se pode prescindir da língua ao denominar. Mais do que isso, a tensão aumenta se considerarmos o fato de que Saussure, ao evocar o modelo triádico do signo para os nomes geográficos, abre a possibilidade para que se necessite do comparecimento da conjuntura mesmo na constituição da ordem própria da língua. Ainda sobre os nomes geográficos, Saussure (2004) faz uma observação interessante:

Embora queiramos abordar o menos possível o lado ideológico do signo, é bem evidente que se as idéias de toda a espécie oferecessem uma fixidez []. Fixidez obtida apenas pelos nomes geográficos.

Sendo que a idéia invariável e influuável pode ser considerada uma coisa quimérica, os semas geográficos e os nomes próprios são exceção na medida em que []. Mais exatamente: a única chance para um []

A idéia de tudo isso é a questão de saber se, assim como o apossema persiste fora do sema, um apossema intelectual poderia, da mesma forma, ser constatado em alguma parte. É certo que em ‘Rhône’² há, por assim dizer, dois apossemas correndo paralelamente. Mas, no fundo, nada semelhante a isso seria possível visto que, se o nome Rhône fosse mudado, não haveria mais o mesmo sema e, por conseguinte, seria inútil discutir os apossemas, a melhor prova de que o sema tem a sua base fundamental no signo material escolhido (Saussure, 2004: 95).

Estaria em jogo, a relativa fixidez que um nome adquire em seu uso pela coletividade. Em outras palavras, não é viável que um nome próprio e/ou que um nome geográfico mude constantemente, pois a sua referência não muda com facilidade. Por exemplo, no caso do rio Rhône, não é conveniente que o nome do rio mude para um outro nome qualquer. Pode-se referir ao rio utilizando outros nomes, adjetivos, sintagmas; contudo, mesmo assim, o nome “Rhône” continuaria a denominar o rio.

O caso de “Rhône” seria, então, sutilmente diferente do caso do substantivo “casa”. Como nos informa Saussure: “*não se impedirá jamais que uma única e mesma coisa seja chamada, conforme o caso, uma casa, uma construção, um prédio, um edifício, (um monumento), imóvel, uma habitação, uma residência, e o contrário seria um signo de nossa []*” (idem: 70; grifos do autor). Entre todos estes nomes utilizados para se reportar à forma material, nenhum deles assume de fato uma “preferência”, ou seja, não há uma diferença significativa entre usar “casa” ou “habitação”, por exemplo. Contudo, podemos dizer que haveria uma diferença entre utilizar o nome “Rhône” e “rio”, pois apenas o primeiro aponta para o lugar geográfico exato. É devido a esta característica de apontar para um dado local no mundo (no caso do nome geográfico) e para uma dada pessoa (no caso do nome próprio) que estes substantivos, como diz Saussure, *oferecem uma fixidez*. Esta fixidez seria reforçada pelo uso que os indivíduos fazem dos nomes geográficos e próprios.

O uso que imprimiria ao nome geográfico a sua relativa fixidez, na medida em que, geração após geração, esses nomes são utilizados para denominar certos lugares. Mais

² O Rhône é um rio europeu, com 812 km de comprimento. Sua nascente está na geleira do Rhône nos Alpes suíços e termina seu curso no delta de Carmargue, na França (cf. Wikipédia).

do que isso, por exemplo, no caso do rio Rhône, ano após ano, o rio que se situa entre os Alpes suíços e o delta de Camargue tem sido chamado de Rhône, e, em qualquer lugar que este nome seja proferido, o lugar geográfico no qual o rio se situa também está sendo evocado. Assim, se “*a existência de fatos materiais é, assim como a existência de fatos de uma outra ordem, indiferente à língua*” (idem), no caso dos nomes fixos, a língua não seria tão indiferente para com a ordem das coisas.

Esta certa fixidez oferecida pelos nomes geográficos teria contribuído para que Saussure evocasse o modelo triádico do signo justamente quando abordava esses nomes? É possível que sim. Afinal, a razão da fixidez do nome geográfico não seria apenas da ordem do lingüístico, mas também da ordem material. Em outras palavras, apesar do signo para o nome geográfico figurar no funcionamento arbitrário da língua, ele, ao ser usado pelos indivíduos, evocaria a forma da material para compor a referência e é devido à presença desta forma que ele adquiriria uma maior fixidez.

Mas, então, estaríamos diante da possibilidade da teorização saussuriana ser religada efetivamente à questão da referência, se considerarmos a possibilidade que a conjuntura seja evocada na composição do signo? Talvez, a resposta pudesse ser sim. Contudo, como nos alerta Bouquet (1992), é preciso ter em mente que, apesar de Saussure pelo menos uma vez estar consciente do problema que o deslocamento da referência causaria em sua teorização, ele não articulou uma possível interligação entre a tríade ‘substância do mundo’, ‘substância psíquica’ e ‘língua’.

O fato, entretanto, é após a morte de Saussure nos restam o *Curso*, os seus manuscritos e as anotações de seus alunos. A ausência de um livro escrito pelo mestre e a presença de contradições, inacabados, obscuridades no seu trabalho trazem, como diz Milner (1983), “*quelque chose de l’incomplétude saussurienne*”. E, no tocante à questão da referência, nos defronta, além da sua desarticulação em relação à língua e à substância psíquica, o seu comparecimento através de sua ausência e dos resquícios que esta questão deixa no trabalho de Saussure. Mas estes resquícios talvez não sejam suficientes para que esta questão seja religada à teorização do mestre e, assim, o seu comparecimento poderia ser tratado como mais uma possibilidade dentro das “incompletudes” do genebrino.

Estamos, então, diante do que faz questão ou não para uma determinada teorização. Na perspectiva saussuriana, não é relevante entender e/ou perscrutar os caminhos da origem da significação. O importante a considerar é a língua em seu funcionamento, ou seja, o foco recair apenas sobre os signos, enquanto concretudes psíquicas, inseridos no funcionamento negativo e diferencial do sistema lingüístico. Se, como Saussure afirmou, os fatos materiais chegam ao nosso conhecimento, é porque alguma “percepção” deles nós temos. Contudo, não são esses fatos materiais que compõem o sistema lingüístico e o fazem funcionar, apesar deles poderem figurar em nosso conhecimento e deles confrontarem as articulações do mestre genebrino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUROUX, S. (1998). *A filosofia da linguagem*. Tradução de J. Nunes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- BOUQUET, S. (1992). “La sémiologie linguistique de Saussure: une théorie paradoxale de la référence?”, in: *Languages*, n.º 107, pp. 84-95.
- _____. (2000). *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. (2001). *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva.

- GADET, F. (1990). *Saussure: une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France.
- MILNER, J.-C. (2002). "Saussure – retour à Saussure", in: *Le périple structural*. Paris: Seuil, pp. 15-43.
- SAUSSURE, F. de (2001[1916]). *Curso de lingüística geral*. Organização de C. Bally e A. Sechehaye.
Tradução de A. Shelini, J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- _____. (2004). *Escritos de Lingüística Geral*. Organização de S. Bouquet. São Paulo: Cultrix.